

O RUMOR DO MUNDO NÃO É MAIS QUE UM SOPRO DE VENTO

*Um olhar sobre o conceito de eternidade*¹

Manuscritos Iluminados Europeus

EXPOSIÇÃO DE OBRAS MANUSCRITAS EM VITRINA
MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN

*Non è il mondan romore altro ch'un fiato
di vento, ch'or vien quinci e or vien quindi,
e muta nome perchè muta lato.*

Rumor do mundo não é mais que um sopro
De vento que ora aqui ora ali passa,
E ao mudar de lugar muda de nome.²

Dante Alighieri, *A Divina Comédia*
Purgatório XI, 100-102

N' *A Divina Comédia*, após a viagem encetada pelo próprio poeta através do aterrador *Inferno*, e uma vez chegado ao *Purgatório*, Dante encontra três almas que recriam três tipos de pecado de orgulho (*Purgatório XI*). Entre elas, encontra-se a alma do iluminador de manuscritos Oderisi da Gubbio, que confronta Dante com o sentimento pecaminoso de vaidade ligado à arte, transmitindo-lhe que o orgulho artístico não merece tamanho esforço, pois no mundo tudo é vão e que, em mil anos, a glória associada ao nome do autor será esquecida. Segundo Oderisi, ao invés de procurar atingir a fama e a glória, os artistas e os poetas deverão perder a vaidade e aceitar a humildade sobre as coisas mundanas, efémeras, porquanto tudo é passageiro, e os seus nomes não terão nunca lugar na memória dos que lhes seguirão.

¹ Este texto foi escrito ao abrigo do Acordo Ortográfico de 1945.

² O recurso a estes versos citados que, em parte, dão o título a este ensaio deve-se à tradução do cântico *Purgatório* d' *A Divina Comédia* de Dante Alighieri tal como elaborada por Sophia de Mello Breyner Andresen, na publicação da mesma obra em três volumes pelo Círculo dos Leitores, em 1981. Para as demais citações desta obra aqui apresentadas, recorremos à tradução de Vasco Graça Moura d' *A Divina Comédia de Dante Alighieri*. Lisboa: Quetzal Editores, 1.ª edição de 2011, reimpressa em 2015.

No entanto, tal reivindicação, aos olhos do nosso tempo presente, não é, naturalmente, obedecida, pois a arte, sabemos-lo, ao longo dos tempos, pela sua natureza e extensão, e alguns artistas, em virtude do seu trabalho, esforço e dedicação, inspiram justamente o oposto ao inexorável esquecimento³. Com efeito, no final da sua viagem, já no *Paraíso*, Dante expõe magistralmente esta preocupação, a de vir a ser esquecido por parte daqueles que virão depois dele, que lerão e reflectirão sobre as suas palavras em tempos futuros: *e se eu ao vero sou tímido amigo, / temo perder viver, fama e decoro, / entre os que nos dirão do tempo antigo* (*Paraíso* XVII, 118-120).

Sobre este apelo à memória por parte dos autores antigos, e a aprendizagem e reflexão que se pretendiam cumpridas doravante, atentemos neste surpreendente episódio: aquando do primeiro grande incêndio no Mosteiro de Vorau, na Áustria, em 1237, o monge responsável pela biblioteca, determinado a salvar as obras da destruição, atirou manuscrito atrás de manuscrito pela janela, para que estes não sucumbissem às chamas que, por fim, acabaram por vencê-lo. «Ele sacrificou a própria vida de modo a salvar manuscritos insubstituíveis para a posteridade»⁴, porquanto cada manuscrito, cada cópia produzida nos *scriptoria* monásticos, ou, mais tarde, nas oficinas dos copistas e miniaturistas, continha as palavras sagradas, e as suas iluminuras demonstravam a grande importância dessa Palavra, a ser difundida e instruída entre os fiéis da Cristandade. Estes manuscritos tratam-se de Bíblias sagradas, de Saltérios, Missais e Apocalipses, produzidos para os conhecedores das Sagradas Escrituras, ou de Livros de Horas, que contemplavam calendários e orações diárias para a comunidade leiga, bem como de livros seculares que continham narrativas literárias, denominadas de profanas porquanto o seu conteúdo não era dedicado exclusivamente aos temas religiosos.

Ora, aquilo que, neste caso, os mestres da pintura e da palavra nos ensinam – e este episódio passado no mosteiro na Estíria é um exemplo fundamental disso mesmo – é que os homens procuram sempre que o objecto artístico seja preservado e que cumpra uma determinada forma de «eternidade», na medida em que, ao longo dos tempos, as obras venham a ser actualizadas pela observação e pela leitura, pela reflexão do público, através da preservação concretizada pelas gerações que lhes sucedem. Muito embora estes manuscritos iluminados tenham sido produzidos mediante encomenda, sob exigentes decisões mecenas, ou tendo em vista um teor utilitário vernacular e mercantil, estes livros chegam até nós como objectos únicos, autênticos tesouros que ultrapassam uma determinada utilidade passada que os regia, após tantos e tantos séculos. Talvez mais transparente ao nosso olhar, devido ao teor retrospectivo que inevitavelmente o demarca, estes livros permitem

3 Vejam-se as considerações de Teodolinda Barolini sobre *A Divina Comédia* de Dante Alighieri apresentadas na plataforma *Digital Dante*, muito em particular, o comentário baroliniano acerca daquilo que é expresso no canto XI do *Purgatório*. Escreve Barolini sobre as palavras que Oderisi dirige a Dante: «E ainda assim, ainda assim...Escrevo isto [acerca da convicção de Oderisi no esquecimento da glória do artista após mil anos e do apelo à humildade sobre o pecado do orgulho artístico] perto de 2015, perto do 750.º aniversário do nascimento de Dante em 1265; já três quartos a caminho dos mil anos. E as palavras de Dante ainda vivem»; vide Teodolinda Barolini, «*Purgatorio* 11: After 1000 Years?», in *Commento Baroliniano, Digital Dante*. Nova Iorque: Columbia University Libraries, 2014 (tradução nossa). Disponível e consultado em: <https://digitaldante.columbia.edu/dante/divine-comedy/purgatorio/purgatorio-11/> (12.10.2021).

4 Ingo F. Walther, Norbert Wolf, «Introduction: Manuscript illumination in the West», in *Codices illustres. The world's most famous illuminated manuscripts – 400 to 1600*. Colónia: Taschen GmbH, 2018, p. 11.; veja-se também, nesta nota introdutória, a alusão destes autores ao encontro de Dante com Oderisi da Gubbio, in *Ibidem* (tradução nossa).

agora, enquanto verdadeiras obras de arte, ultrapassar em parte o seu contexto religioso e sagrado, a formalidade da iconologia ocidental cristã que os circunscreve, e falar-nos a respeito de assuntos universais que sempre determinam e movem a vida dos homens no mundo. Temas que têm por base a curiosidade e a indagação sobre a criação do mundo e dos homens, o que os compõe e aquilo que estará para além deles, isto é, a viagem que nos aguarda para além desta viagem vivida, a jornada para além de um caminho terreno partilhado, amado e desamado, atormentado e confuso, porventura mal-afortunado, errático, ou próspero e sério, célere, virtuoso, embora quase sempre incompleto e inconformado, que, de súbito (sabemo-lo logo, desde muito cedo), terminará um dia. Aquando desse dia, permanece uma história sobre aquilo que foi, ou não, experimentado, partilhado, alcançado, ou, no caso dos grandes poetas e artistas, o que foi produzido, por excelência, como obra, porventura para vir a ser cantada, lida, escutada, observada, permanentemente levantando questões e suscitando a árdua tarefa de encontrar nela respostas – algo que se perpétua, como sabemos, até aos dias de hoje.

De forma a propor uma observação e reflexão sobre imagens e conteúdos de algumas das mais notáveis obras manuscritas e iluminadas da Coleção Calouste Gulbenkian, apresentam-se aqui sete manuscritos e um fólio solto de uma Bíblia Sagrada. Esta escolha prende-se com uma narrativa em torno da história dos homens e da sua fé, da crença naquilo que, porventura, os criou e os aguarda após o seu final terreno. No entanto, mais do que apresentar a ideia consagrada de uma eternidade divina, infernal ou paradisíaca, estas obras mostram-nos sobretudo que a eternidade é, de modo indubitável, conquistada através da arte. Em particular, por meio da arte do livro, do contar das histórias, sagradas ou profanas, ao escrevê-las e ao ilustrá-las, ao *iluminá-las*, para aqueles que as observaram e aprenderam com elas outrora, para os que as observam e reflectem hoje, e para os que virão depois e que continuarão a preservar esse *rumor do mundo* que, muito embora vão enquanto acção, é celebrado e cumprido entre as páginas escritas e ilustradas dos manuscritos iluminados.

FILIPA CORREIA DE SOUSA

Projecto desenvolvido no âmbito do Estágio Profissional em Curadoria